

APRESENTAÇÃO

MULHERES NEGRAS: EXPERIÊNCIAS NA VIDA E NA PELE

*Lilian Soares da Silva*¹

*Jocelyne Mariz de Moraes*²

*Miriam Marcolino dos Santos*³

O Dossiê “Mulheres Negras: Experiências na Vida e na Pele” propõe centralizar o debate sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira e suas estratégias de libertação intelectual, social, cultural, econômica e espiritual. Focando na consciência crítica sobre as questões raciais no país, não pode ocorrer sem incluir aquelas que, ainda hoje, ocupam a base da pirâmide social: as mulheres negras. Segundo Antônia Aparecida Quintão (2022), o racismo deve ser entendido não apenas como manifestações explicitamente discriminatórias, mas como um sistema estruturado de exclusão e desigualdade que atravessa todas as esferas da vida social.

O racismo, portanto, não se restringe a atos individuais de hostilidade, mas perpassa instituições, práticas organizacionais, mercados de trabalho

¹ Doutora em Educação, Arte e História da Cultura, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email: profadraliliansoares@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1867-7533>.

² Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Email: cpead.jocelyne@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3451-0653>.

³ Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Email: miriam.marcolinosantos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0597-4758>.

e o funcionamento cotidiano das disciplinas sociais. Além disso, ao tratar da exclusão das mulheres negras no ambiente acadêmico e profissional, Quintão evidencia que o racismo é tanto invisível quanto persistente, funcionando por meio de silenciamentos, não reconhecimentos e obstáculos estruturais que impedem o avanço possibilitado a outros grupos. Ela registra que “minha trajetória como acadêmica negra intersecciona todo o tempo com o racismo e a maneira como ele competentemente se estrutura no ambiente acadêmico, excluindo e silenciando as mulheres negras” (QUINTÃO, 2022).

Nesse sentido, o racismo aparece também como um mecanismo de produção de desigualdades que operam em interseção com gênero, classe e geração, por condição que particulariza a vivência das mulheres negras e exige estratégias específicas de investigação e intervenção. Ademais, o racismo institucional ultrapassa o campo do indivíduo, configurando-se uma estrutura social que perpassa as dimensões políticas, econômicas, jurídicas, culturais e familiares. Como diz Gonzalez (2020, p. 58), “ser mulher negra no Brasil é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexismo a colocam no nível mais alto de opressão.

Nessa vertente, Quintão (2022) aponta que a superação do racismo exige, além do reconhecimento dessas estruturas, um esforço educativo e político que produza letramento racial e institucional. Conforme suas análises, apenas quando se reconhece que “as desigualdades de oportunidades são resultado de racismo” torna-se possível cobrar políticas afirmativas, visibilizar as trajetórias negras, e mobilizar atores institucionais para efetivar a igualdade não somente de maneira formal, mas material e simbólica. Ela, assim, reforça a centralidade das mulheres negras como protagonistas desse processo de transformação, tanto nos espaços de produção de saber quanto nos espaços de cuidado, trabalho e criação (QUINTÃO, 2022).

Ao denunciar o movimento feminista branco, em sua origem eurocentrada, Davis (2016) chamou atenção para o fato de que as denúncias eram dirigidas a opressão masculina a mulheres brancas, mas que foram ignoradas as especificidades e demandas raciais e de classe que

atravessam as experiências das mulheres negras. Enquanto as feministas brancas reivindicavam o direito ao trabalho e à carreira, eram as mulheres negras que continuavam nas cozinhas, cuidando dos filhos e das casas, frequentemente submetidas a violências e assédios.

Davis (2016) argumenta que mesmo sob o jugo da escravidão e depois da abolição negra, sob a égide da desigualdade social, as mulheres negras sempre foram combativas, resistentes defensoras da família, desafiando a supremacia dos senhores e, portanto, eram ativistas em movimento, com pautas para além do direito de trabalhar e de realização profissional que as mulheres brancas reivindicavam.

Os Movimentos de Mulheres Negras surgem da condição de exclusão das mulheres negras em ambientes políticos que possam entender e defender suas reivindicações e necessidades (PEREIRA, 2012). Em 2015 aconteceu a primeira Marcha das Mulheres Negras⁴ contra o racismo, a violência e pelo bem viver. Este movimento articulado por várias instituições de cunho nacional, mostrou que as reivindicações destas mulheres continuavam sem o devido respeito às suas exigências e necessidades enquanto cidadãs brasileiras. Este dossiê, onde autores apontam para as desigualdades sociais e raciais existentes na sociedade brasileira, associado ao fato de que haverá uma segunda Marcha para Brasília, em novembro de 2025, mostram que as desigualdades continuam a restringir o bem viver das mulheres negras e consequentemente de seus familiares.

Nossa voz, enquanto mulheres negras, não é movida por vitimismo, mas por verdade e ancestralidade. Lutamos, cotidianamente, pela construção de uma identidade que nos é negada, pois reivindicar identidade é reivindicar poder. E quem tem interesse em conceder poder, autoridade e autonomia às mulheres negras? Reivindicamos, assim, o direito de recusar o discurso homogeneizador de que “somos todas iguais”. Somos mulheres, sim, mas vivemos desigualdades visíveis e estruturais. Basta olhar ao redor: onde estão as mulheres negras? Em que condições vivem e trabalham? O desafio é romper interpretações universalistas que ignoram as especificidades raciais e sociais.

⁴ Disponível em: <https://marchadasmulheresnegras.com.br/>. Acesso em: 23/outubro/2025.

Os textos que compõem este dossiê partem de um lugar de dor e violência estrutural, revelando os mecanismos de opressão e silenciamento que tentam calar a mulher negra. O racismo é o pano de fundo de todos os artigos, entrelaçado ao machismo, ao classismo e à marginalização interseccional. Em muitos textos, a saúde física e mental das mulheres negras, de idosas, trabalhadoras domésticas e periféricas aparece como campo de disputa, revelando as consequências da sobrecarga, do preconceito e do isolamento social. A resposta ao silenciamento é a voz. A narrativa, a escrita e a fala são compreendidas como atos políticos de existência e resistência.

O corpo da mulher negra é apresentado como território de opressão e potência, um espaço político e simbólico, atravessado pelo racismo e pelo sexismo, mas também o principal instrumento de agência e reconstrução identitária. O conceito de corpo-território amefricano (GONZALEZ, 2020) reforça a ideia de que o corpo é o lugar onde se disputa poder, onde se celebra a ancestralidade e se transforma o estigma em beleza e orgulho. As práticas de cuidado e afeto também emergem como caminhos de resistência.

A Coletiva Mulheres da Quebrada, apresentada por Karla Carvalho e Paula Gonzaga no texto “Corpo-Território Amefricano: um diálogo interseccional entre a Psicologia Social e as práticas de cuidado da Coletiva Mulheres negras da Quebrada – BH”, exemplifica as ações de autocuidado e cuidado coletivo como estratégias de saúde mental e fortalecimento comunitário. Resistir, nesse contexto, é cuidar de si, das outras e do território. A análise ressalta o enegrecimento da psicologia e a construção de práticas de cuidado emancipadoras, destacando o papel das mulheres negras na reorientação do cuidado, na promoção da saúde mental e na afirmação de identidades coletivas e críticas.

Este dossiê não se limita à denúncia: ele propõe saídas possíveis e coletivas, aponta caminhos de liberdade, celebra alianças políticas e valoriza a construção de espaços de reexistência. Questionamentos podem ser inseridos como: “Pode uma mulher negra voar?”; “Como inventar escapes?” e desses contextos ecoam a busca por liberdade plena, por um existir que não se limite às amarras coloniais e, sim a vida em sua integralidade.

Há, aqui, uma clara filiação ao Pensamento Feminista Negro e Decolonial sustentado por autoras como bell hooks (2017; 2025), Sueli Carneiro (2003), Lélia Gonzalez (2020), Conceição Evaristo (2020), Angela Davis (2016) e Kimberlé Crenshaw (1989), entre outras. Seus legados fundamentam as análises e asseguram uma base teórica coesa sobre interseccionalidade, racismo, empoderamento e emancipação.

O dossiê “Mulheres Negras: experiências na vida e na pele”, publicado pela revista *Temáticas*, emerge como um território de enunciação e escuta das múltiplas vozes de mulheres negras que escrevem suas próprias histórias, corpos e memórias. A proposta, ancorada nas epistemologias negras, feministas e decoloniais, busca reconhecer e afirmar as experiências vividas por mulheres que, ao narrarem suas trajetórias, tecem fios de resistência, afetividade e saberes que atravessam a academia, a arte, a educação e o cotidiano.

Como nos ensinam Lélia Gonzalez (2020), bell hooks (2017, 2025) e Conceição Evaristo (2020), pensar e escrever a partir das vivências negras é construir uma *escrevivência* uma escrita que pulsa, sangra e floresce a partir da vida concreta. É também um gesto político e amoroso de reexistência frente ao racismo estrutural e às tentativas de apagamento histórico.

O artigo “Histórias de família e o trabalho doméstico: *escrevivência* através da história contada” de Maria Angelica Chagas Ferreira, revisita memórias de infância, racismo e subserviência, reconstrói narrativas silenciadas de mulheres negras trabalhadoras domésticas, revelando as sutilezas do racismo e a necessidade de recontar a história a partir das vozes que a sustentam.

Em “Eu quero viver muito mais: discursos de negras velhas sobre envelhecimento”, autoria de Nilsa Maria Conceição dos Santos, valoriza os saberes de mulheres negras idosas, em uma perspectiva foucaultiana sobre os discursos do corpo e do tempo. O texto desconstrói estereótipos sobre a velhice negra, abordando dimensões de saúde física, mental e social, e projetando o envelhecer como potência, sabedoria e continuidade da ancestralidade.

O estudo “O orgulho pelo corpo negro manifestado no vestuário de mulheres negras brasileiras antirracistas”, autoria de Isaac Mateus Santos

Batista, analisa, a partir de dados etnográficos em redes sociais, como o vestuário se torna linguagem de afirmação e resistência. A pesquisa evidencia o resgate de símbolos *afrocentrados* como *brincos, cabelos naturais, estampas e ornamentos*, como expressões de orgulho, autoimagem positiva e ruptura com o padrão corporal eurocentrado, ressignificando o corpo negro como espaço político e estético de libertação.

Em “A diferença é só a cor e o dinheiro que eu não tinha: mulheres negras e as opressões que se interseccionam no trabalho doméstico remunerado”, a autora, Tatiane Pinto, lança um olhar etnográfico sobre as trajetórias de mulheres negras na profissão de domésticas, analisando as sobreposições entre raça, gênero e classe. O texto dialoga com os movimentos negros e feministas, denunciando a persistência de desigualdades mesmo após avanços legais, como a Proposta de Emenda à Constituição, PEC das Domésticas, e destacando a solidariedade política e a luta coletiva como caminhos de emancipação.

Na análise “A perspectiva da mulher negra e transgênero: uma leitura de Cozy, de Beyoncé”, Rafael de Jesus Braz articula sua discussão sobre a representação de identidades negras e transgêneras na cultura *pop*. O estudo propõe uma leitura da canção como expressão de autoaceitação e empoderamento, desafiando estereótipos e promovendo novas narrativas de visibilidade e pertencimento.

O artigo “Mensagens da varanda: pode uma mulher negra voar?”, autoria de Débora Campos de Paula, responde poeticamente ao tema do dossiê, entrelaçando arte, corporeidade e liberdade. A autora, mulher-negra-artista-pesquisadora, questiona os limites impostos às subjetividades negras e propõe uma estética do *voou* como metáfora de libertação e criação de futuros possíveis. Seu texto ecoa o que Grada Kilomba (2019) define como “falar e existir apesar do trauma”, revelando que a arte é também uma forma de cura e insurgência.

Já em “Eu e a branquitude acadêmica: uma *escrevivência* auto-etnográfica”, a autora Jéssica Aline Silva Soares se propõe a tensionar o silêncio e o pacto da branquitude (BENTO, 2022) no espaço universitário, e propõe uma análise crítica da branquitude como estrutura de poder e privilégio. O texto convida à construção de alianças antirracistas e à

desnaturalização dos privilégios, abrindo caminhos para uma academia mais consciente e comprometida com a justiça racial.

No artigo “Memórias de vida de uma professora negra”, a autora, Lara Virgínia Saraiva Palmeira, reflete sobre as tensões e intersecções entre o educar e o existir, revelando uma práxis atravessada por emoções, afetos e resistências cotidianas. A narrativa evidencia como a docência negra é um ato de coragem e de afeto que confronta o racismo e o sexismo estrutural, afirmando uma pedagogia que nasce da experiência sentida na pele.

A escrita “Entre uma Quilombola e uma Africana”, autoria de Betânia Rita Anjos Fernandes, apresenta de forma objetiva e real os desafios e ajustes que mulheres negras, vivendo em diferentes ambientes, precisam vencer para realizar seus objetivos, seja no âmbito acadêmico ou no mercado de trabalho. A identidade, a cultura quilombola, a oralidade e sincretismo religioso são ingredientes de sustentação e equilíbrio mental nos ajustes para vencer o racismo e as disputas políticas.

Este dossiê, portanto, se constitui como um território de memória, corporeidade e emancipação. Os textos aqui reunidos formam uma constelação de vozes que narram, denunciam, celebram e reconstroem as existências negras femininas em suas múltiplas dimensões. São experiências que rompem o silêncio e afirmam a vida como lugar de conhecimento, beleza e potência política.

Desejamos que este dossiê inspire outras mulheres negras a escreverem suas histórias, a se verem nos espelhos da vida e da pele, e a reafirmarem que o saber negro-feminino é, sobretudo, um saber de humanidade, cuidado e transformação social. Em similaridade, os artigos do dossiê constroem um percurso que delinea da denúncia à criação, da dor à potência, da exclusão à reexistência, no qual, compõem um mosaico de vozes que documentam com sensibilidade e rigor, não apenas as feridas do racismo e do sexismo, mas também a força criadora, a intelectualidade e a espiritualidade das mulheres negras.

As narrativas aqui reunidas revelam o cotidiano de mulheres que transformaram suas experiências em trajetórias de vitória. Mesmo diante do racismo acadêmico e institucional manifestado em olhares, omissões e

silenciamentos, elas encontraram na *dororidade*⁵ o caminho da sororidade. Superaram hostilidades e conquistaram espaços na universidade, no trabalho, na arte e na vida pública.

Cada formatura, cada pesquisa, cada escrita é um ato de reparação simbólica e uma prova de que a intelectualidade negra é viva, potente e inegável. Entre lágrimas e risos, entre ancestralidade e futuro, as mulheres negras continuam a reescrever a história *na vida, na pele e na alma* afirmando que o saber é também uma forma de liberdade.

O dossiê “Mulheres Negras: experiências na vida e na pele”, nasceu como um gesto de escuta, memória e resistência. O tema convoca a refletir sobre as múltiplas formas pelas quais as mulheres negras têm inscrito suas trajetórias, dores e conquistas nos tecidos da história e nas encruzilhadas da vida cotidiana.

Por um lado, inspiradas por vozes como Lélia Gonzalez (2020), que nos ensinou a pensar o *amefricanamente*, e bell hooks (2017), que nos provocou a fazer da escrita um ato político e amoroso, as autoras reunidas neste dossiê constroem uma tessitura de experiências que atravessam corpo, território, ancestralidade e educação. Cada artigo, à sua maneira, costura narrativas de resistência e reinvenção, situando as mulheres negras como protagonistas da própria história.

Por outro lado, muitas mulheres não tiveram a oportunidade de compor esta publicação, porque a si foram negados o direito a formação acadêmica de ensino superior e da pós-graduação, impactando na sua exclusão desse processo e ato de existência acadêmica, de revelar e publicizar a sua história de vida para o mundo.

Em suma, o dossiê reúne reflexões sobre identidade, memória, arte, educação, política e território, reconhecendo que o saber produzido por mulheres negras é, antes de tudo, um saber de experiência. As autoras

⁵ O conceito foi cunhado pela professora e escritora Vilma Piedade, que escreveu o livro *Dororidade* (2017). “A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho, conhecido das mulheres: a Dor – mas, nesse caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele”. Disponível em: <https://projetcocolabora.com.br/ods5/o-que-e-dororidade/>. Acesso em: 27/outubro/2025.

partem de vivências situadas, como a entrevista intitulada “Com a Mala na Mão contra a discriminação”, realizada por Simone Lima Azevedo, nas escolas, nas comunidades, nas universidades e nas ruas para propor novas epistemologias de cuidado, pertencimento e libertação.

Entre os textos apresentados na publicação, destacam-se estudos sobre a representação das mulheres negras na literatura contemporânea, análises sobre práticas pedagógicas antirracistas e decoloniais na educação básica e superior, bem como pesquisas que exploram as expressões artísticas e o corpo como arquivo de memória. Há também relatos de experiências que emergem de territórios quilombolas e urbanos, narrativas de mulheres que, ao recontarem suas histórias, reconstroem o sentido de ser e existir no mundo.

A potência deste dossiê está justamente em reunir múltiplos olhares, mas uma mesma pulsação: a da vida em movimento. Uma vida que resiste, cria, ensina e inspira. Como nos lembra Conceição Evaristo (2020), escrevemos com *a pena e o sangue*, pois nossas palavras nascem da carne, da lembrança e do cotidiano. Assim, cada artigo aqui apresentado é também um ato de encruzilhada, espaço de encontro entre saberes, ancestralidades e temporalidades que não cabem nos limites da academia tradicional.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*, 2003.
- CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex*. University of Chicago Legal Forum, 1989.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivências e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org. Flávia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?* Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2025.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito. *A África está em nós: história e cultura afro-brasileira: Africanidades Sul-Rio-Grandenses*. João Pessoa, PB. Editora Grafset, 2012.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. 2017. Disponível em: <https://projetoconlabora.com.br/ods5/o-que-e-dororidade/> Acesso em: 23/outubro/2025.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. Desigualdade de oportunidade é resultado de racismo, diz especialista. *Rondonia Dinâmica*, 2022. Disponível em: <https://www.rondoniadinamica.com/noticias/2022/03/desigualdade-de-oportunidade-e-resultado-de-racismo-diz-especialista,126702.shtml>. Acesso em: 20/outubro/2025.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. Letramento sobre questões raciais é fundamental contra as discriminações sofridas por mulheres negras no mercado de trabalho. *Geledés – Instituto da Mulher Negra*, 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-sobre-questoes-raciais-e-fundamental-contra-as-discriminacoes-sofridas-por-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 20/outubro/2025.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. Letramento sobre questões raciais é fundamental contra o racismo que atinge as mulheres negras no mercado de trabalho. *Jornal da USP*, 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/letramento-sobre-questoes-raciais-e-fundamental-contra-o-racismo-que-atinge-as-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 20/outubro/2025.